

**UNIVERSIDADE PAULISTA –
UNIP INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS**

Curso de Psicologia

Matheus Pinheiro Saggiomo
Nathalie Anchieta dos Santos
Patrícia Ferreira Costa dos Santos
Steffany de Freitas Gonçalves
Tamires Gomes Chaves

**INFLUÊNCIA MUDIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A
PSICOPATIA NO BRASIL**

NOTA 10

São Paulo - Chácara II

2025

Matheus Pinheiro Saggiomo – G246BC9
Nathalie Anchieta Dos Santos – N658339
Patrícia Ferreira Costa Dos Santos – F341918
Steffany De Freitas Gonçalves – F342DF3
Tamires Gomes Chaves – N695FC9

INFLUÊNCIA MIDIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL

Relatório de Pesquisa apresentado para o
Plano de Estudos Orientados – PEO, do curso
de Psicologia da Universidade Paulista-UNIP,
sob orientação da Professora Ma. Edna A.
Mercado.

São Paulo - Chácara II

2025

CIP - Catalogação na Publicação

INFLUÊNCIA MIDIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS
SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL / Matheus Pinheiro Saggiomo...[et
al.]. - 2025.
48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto
de Ciência Humanas da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de Concentração: Saúde.

Orientador: Prof. Me. Edna Mercado.

1. Psicopatia. 2. Mídia. 3. Estereótipos. I. Saggiomo, Matheus
Pinheiro. II. Mercado, Edna (orientador).

Folha de aprovação

Matheus Pinheiro Saggiomo – G246BC9
Nathalie Anchieta Dos Santos – N658339
Patrícia Ferreira Costa Dos Santos – F3419I8
Steffany De Freitas Gonçalves – F342DF3
Tamires Gomes Chaves – N695FC9

INFLUÊNCIA MIDIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL

Relatório de Pesquisa apresentado para
Plano de Estudos Orientados - PEO, do Curso
de Psicologia da Universidade Paulista-UNIP,
sob a orientação da Professora Ma. Edna A.
Mercado.).

O trabalho foi considerado _____ com a nota _____ (_____).

São Paulo, ____ de _____ de 202__.

Psicóloga Esp. Carolina de Quadros Rebelo

Profª Dra. Andrea Cristina Tavelin Biselli

Universidade Paulista - UNIP

Profª Ma. Edna A. Mercado - Universidade Paulista - UNIP

Orientador(a)

Encerrar essa etapa nos enche de orgulho e de emoção. Foram anos de muito esforço e aprendizados. Atravessamos esse caminho lado a lado, superando desafios e celebrando conquistas, e é com o coração cheio de gratidão que dedicamos este trabalho a todos que, de alguma forma, estiveram conosco.

Agradecemos também aos nossos pais: José e Rosene, Ricardo e Vanessa, Luís e Silvia, Paulo e Ana, Kátia e Agnaldo, Aloizio e Maria de Deus. Por todo amor, apoio e incentivo. Cada palavra, cada gesto de carinho e cada renúncia feita por nós ao longo desses anos foi combustível para seguirmos em frente, sem vocês nada disso seria possível.

Aos nossos irmãos: Priscila, Rafael, Felipe, Lais, Thais, Laura, Luisa e Ricardo. Nosso carinho e agradecimento por estarem presentes, torcendo por nós e celebrando cada vitória, por menor que fosse. E aos nossos sobrinhos: Ana Clara, Anthony e Arthur, que encheram nossos dias de leveza e sorrisos, nossa inspiração e motivação para seguir.

Aos nossos cônjuges: Caio, João e Huana, o nosso amor e o mais sincero agradecimento. Obrigado por segurarem nossas mãos nos dias difíceis, por nos oferecerem colo nos momentos de exaustão e por celebrarem cada pequena conquista como se fosse a maior de todas. Obrigado por enxergarem o nosso esforço, mesmo quando a gente mal conseguia falar sobre ele. Ter vocês ao nosso lado tornaram tudo mais leve, mais possível, mais bonito.

E por fim, um agradecimento especial a nós, integrantes deste grupo. A cada um que contribuiu com dedicação, comprometimento e coragem ao longo de todo o processo. Entre prazos apertados, risadas, cobranças e superações, construímos mais do que um trabalho: construímos parceria, respeito e um laço que levaremos conosco.

A todos que, de alguma maneira, fizeram parte dessa caminhada: o nosso mais sincero e afetuoso muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, à professora e orientadora Edna Mercado, por sua dedicação, paciência, incentivo e por acreditar no nosso potencial. Sua orientação foi essencial para que este trabalho se concretizasse com seriedade, sensibilidade e propósito. Nossa gratidão também se estende aos professores da UNIP – Universidade Paulista, que com tanto comprometimento nos ensinaram não apenas a teoria, mas também a ética, a empatia e a responsabilidade que levaremos como profissionais da Psicologia. Obrigado por nos guiar com firmeza e sabedoria em cada etapa do caminho. Estendemos também nossos agradecimentos aos colegas e profissionais que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

"A ignorância a respeito dos transtornos mentais é o solo fértil onde crescem os estigmas."

Phillip Zimbardo

RESUMO

Influência midiática dos estereótipos construídos sobre a psicopatia no Brasil. SAGGIOMO, P., M.; SANTOS, A. N.; SANTOS, C. F. P.; GONÇALVES, F. S.; CHAVES, G. T.; MERCADO, E.A. (orientadora). Curso de Psicologia. Trabalho de pesquisa. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Paulista – UNIP, Chácara II, 2025.

O presente trabalho convida à reflexão sobre como a mídia influencia a maneira como a psicopatia é percebida no Brasil. A proposta é entender como a população em geral compreende essa condição, investigando a origem desse conhecimento e qual papel a mídia desempenha no processo. Parte-se da ideia de que o julgamento social e a desinformação sobre a psicopatia estão, em grande parte, ligados à forma sensacionalista e superficial com que o tema costuma ser tratado. O objetivo do estudo é examinar como essas representações midiáticas constroem uma visão simplista da psicopatia. Perpetuada em obras de ficção como séries e filmes que geram uma percepção romantizada, e no meio jornalístico, que promove a criminalização da condição, ao recorrer às narrativas baseadas em estereótipos que reforçam medo, ódio e o preconceito. Conclui-se que a influência midiática contribui significativamente para uma visão distorcida do transtorno de personalidade antissocial, com impactos diretos no tratamento, no diagnóstico, na inclusão de pessoas com este transtorno, e nas decisões judiciais. Os resultados da análise evidenciaram a urgência de embasamento científicos para as reportagens e produções ficcionais, para que sejam orientados pela responsabilidade ética e comprometimento com a complexidade do tema.

Palavras-chave: Psicopatia. Estereótipos. Influência midiática. Sensacionalismo. Romantização.

ABSTRACT

Media Influence on the Stereotypes Constructed About Psychopathy in Brazil

SAGGIOMO, P., M.; SANTOS, A. N.; SANTOS, C. F. P.; GONÇALVES, F. S.; CHAVES, G. T.; MERCADO, E. A. (Advisor). Psychology Program. Research Project. Institute of Human Sciences. Universidade Paulista – UNIP, Chácara II, 2025.

The present work invites reflection on how the media influences the way psychopathy is perceived in Brazil. The proposal is to understand how the general population understands this condition, investigating the origin of this knowledge and what role the media plays in the process. It is based on the idea that social judgment and misinformation about psychopathy are largely linked to the sensationalist and superficial way in which the subject is usually treated. The objective of this study is to examine how these media representations build a simplistic view of psychopathy. Perpetuated in works of fiction such as series and films that generate a romanticized perception, and in the journalistic medium, which promotes the criminalization of the condition, by resorting to narratives based on stereotypes that reinforce fear, hatred and prejudice. It is concluded that the media influence contributes significantly to a distorted view of antisocial personality disorder, with direct impacts on treatment, diagnosis, inclusion of people with this disorder, and judicial decisions. The results of the analysis show the urgency of scientific basis for reports and fictional productions, so that they are guided by ethical responsibility and commitment to the complexity of the theme.

Keywords: Psychopathy. Stereotypes. Media Influence. Sensationalism. Romanticization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PSICOPATIA: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA MIDIÁTICA	12
1.1. Apresentação.....	12
1.2. Tema, problema e levantamento bibliográfico.....	13
1.3. Objetivos.....	15
1.3.1. Objetivo geral.....	15
1.3.2. Objetivos específicos.....	15
1.4. Hipóteses.....	15
1.5. Justificativa.....	16
2. MÉTODO	17
2.1. Material.....	17
2.2. Estratégia.....	17
2.3. Procedimentos para coleta de dados.....	18
2.3.1. Critérios de inclusão.....	18
2.3.2. Critério de exclusão.....	18
2.4. Procedimentos para análise de dados.....	19
2.5. Cronograma.....	20
3. INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA PERCEPÇÃO DA PSICOPATIA NO IMAGINÁRIO SOCIAL	21
3.1. Diagnóstico e tratamento da psicopatia: Uma abordagem científica.....	23
3.2. A Romantização da Psicopatia na Ficção: Quando Séries e Filmes Transformam Psicopatas em Anti-heróis	27
3.3. 3 Psicopatia na Mídia Jornalística: Sensacionalismo e Medo	30
4. DISCUSSÃO	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	44
Anexo 1 – Termo de Autoria do Trabalho Acadêmico de Pesquisa.....	45
Anexo 2 – Relatório de Detecção de Plágio.....	47

INTRODUÇÃO

A psicopatia, enquanto fenômeno clínico e social, tem sido amplamente explorada por diferentes mídias, que frequentemente promovem representações marcadas por estereótipos, sensacionalismo e romantização. Filmes, séries, reportagens e noticiários vêm construindo, ao longo dos anos, imagens distorcidas sobre indivíduos diagnosticados com transtorno de personalidade antissocial, muitas vezes reduzindo a complexidade da condição. Essas representações não apenas influenciam a forma como a sociedade compreende e julga a psicopatia, como também moldam atitudes, discursos e práticas institucionais, interferindo diretamente na forma como tais indivíduos são tratados em contextos sociais, jurídicos e clínicos.

Considerou-se, assim, que a falta de conscientização sobre a saúde mental, e a tendência da mídia em atrair audiência, gera desinformação sobre a psicopatia. Além disso, a mídia relaciona os altos índices de violência e criminalidade com a psicopatia, promovendo o medo da sociedade diante de indivíduos com esse diagnóstico. Partiu-se, ainda, do pressuposto que a romantização em séries e filmes de personagens psicopatas, mostra-os de forma carismática e sedutora, o que impacta na glamourização e minimiza os aspectos de violência.

Neste cenário, a presente pesquisa analisa criticamente a influência midiática na construção dos estereótipos sobre a psicopatia no Brasil, buscando compreender de que modo os meios de comunicação participam da formação do imaginário coletivo e contribuem para a manutenção de narrativas equivocadas sobre o transtorno.

A metodologia empregada para este estudo foi uma revisão sistemática de literatura, em que se analisou detalhadamente os materiais científicos encontrados sobre a psicopatia no Brasil.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos, organizados de forma a promover um percurso lógico e progressivo de investigação. O primeiro capítulo apresentou a contextualização do tema, a formulação do problema de pesquisa, os

objetivos gerais e específicos, as hipóteses que nortearam o estudo, bem como a justificativa que fundamenta sua relevância. No segundo capítulo, foram descritos os procedimentos metodológicos adotados, com ênfase na revisão sistemática da literatura, além dos critérios de seleção, exclusão e análise dos dados utilizados. O terceiro capítulo constituiu o núcleo teórico e analítico do trabalho, no qual foram discutidos os mecanismos de influência da mídia na formação de estereótipos relacionados à psicopatia. Este capítulo subdividiu-se em três eixos temáticos centrais: a atuação da mídia na consolidação do imaginário social sobre a psicopatia; o processo de glamourização da figura do psicopata na ficção audiovisual; e a abordagem sensacionalista da psicopatia nos meios jornalísticos e seus impactos éticos, sociais e jurídicos. Por fim, o quarto capítulo apresentou a discussão dos resultados obtidos, confrontando-os com os objetivos inicialmente propostos, avaliando a validade das hipóteses levantadas e refletindo criticamente sobre os dados analisados.

Este estudo, ao problematizar as formas de representação midiática da psicopatia, pretendeu contribuir para o aprofundamento do debate em relação às representações midiáticas, ressaltando a importância de uma abordagem crítica e científica, que considere as implicações éticas da disseminação de conteúdos midiáticos sobre transtornos mentais. Ademais, almejou-se fomentar práticas mais responsáveis na comunicação, que favoreçam a desconstrução de estigmas e a promoção de uma compreensão mais científica sobre indivíduos com traços psicopáticos

1. PSICOPATIA: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA MIDIÁTICA

1.1. Apresentação

Atualmente percebemos que o tema “Psicopatia” se tornou uma grande tendência, sendo o conteúdo de diversos filmes e séries. Porém, a influência midiática acaba desempenhando um papel significativo na construção e perpetuação de estereótipos sobre esta condição mental, retratando o psicopata de forma distorcida e criando uma falsa ideia sobre sua condição.

Segundo Diefenbach e West (2003) após pesquisa realizada sobre os conteúdos programáticos nos horários nobres, descobriu que 37% dos personagens com transtornos mentais são retratados como criminosos ou sujeitos violentos. Os programas ensinavam os espectadores a perceberem essas pessoas por meio de uma perspectiva equivocada, pois retratavam de maneira unidimensional esses personagens, apenas com um recorte generalizado, diminuindo-os à sua complexidade psicológica, e ignorando suas demais características individuais.

No Brasil, uma amostra comunitária brasileira mostrou, de acordo com Gamarra *et al.* (2024), que 73,5% dos participantes obtêm suas informações sobre a Psicopatia em fontes como filmes e séries e não por meios científicos e, mesmo assim, declaram essas informações como verdadeiras e condizentes com a realidade, estereotipando psicopatas. Esta amostra considera que grande parte dos psicopatas estão nos presídios, uma característica que é altamente retratada em séries, em que o psicopata sempre possui as mesmas características e é o vilão da história. Mas na realidade não é exatamente isso que acontece.

Além da violência representada nas mídias, no que diz respeito a séries e filmes, há um padrão de representação romantizada do psicopata. Nessas dramatizações é manifestado um comportamento sensual, inteligente e intrigante dos personagens com este transtorno, provocando curiosidade e fascínio do público, trazendo à tona uma tensão entre a sedução e repulsão. Essa romantização do personagem demonstra mais uma prática que influencia novos estereótipos no imaginário popular, em que a mídia distribui um conteúdo infundado ambicionando fins lucrativos.

Através de ferramentas sensacionalistas, a mídia vende uma imagem que tende a exagerar em características como violência extrema e comportamento criminoso, isso leva as pessoas a acreditarem que todos os psicopatas carregam a

tendência inata à violência, o que não é comprovado de fato. Com o tratamento adequado e condições sociais que não proporcionem gatilhos, não são destinados a serem assassinos e a cometerem crimes hediondos. A falta de cientificidade na concepção imposta pela mídia leva a uma compreensão inadequada da psicopatia, ignorando a complexidade e suas singularidades. Esta estigmatização afeta diretamente pessoas que vivem com essa condição, na forma como são tratadas na sociedade, principalmente no sistema legal.

Desta forma, faz-se relevante analisar a construção dessas representações através de um estudo crítico, para compreendermos de forma precisa como é a atuação da influência midiática frente à compreensão popular sobre a psicopatia.

1.2. Tema, problema e Levantamento bibliográfico

Com a finalidade de analisar a influência midiática nos estereótipos construídos sobre a psicopatia no Brasil, demonstramos no decorrer da pesquisa, o contexto atual do tema. Detalhamos assim, o significado da psicopatia para a população em geral, explorando a origem do conhecimento acerca do tema e a influência que a mídia detém sobre essa opinião e quais são os efeitos para pessoas que apresentam essa condição.

Ao lidarmos com este tema procuramos responder a alguns questionamentos, como: Como a abordagem realizada pela mídia, ao representar pessoas com psicopatia, influencia no imaginário popular e de que maneira isso compromete a conscientização científica sobre o transtorno?

Para isso, procuramos conhecer a realidade do transtorno de personalidade antissocial (TPAS), quais são suas características de comportamento, funcionamento psicossocial e suas possíveis identificações na sociedade. Para tanto, empregamos autores como Hare (2013), que esclarece como seria a mente das pessoas com este transtorno e como identificá-las no cotidiano.

Após compreender as particularidades do transtorno, as comparamos com exposições, especificamente nas séries televisivas, nos deparando com a romantização e glamourização dos psicopatas. Dutra e Monteiro (2019), mostraram como os personagens psicopatas, atualmente, são representados de forma atraente, com

inteligência e sensualidade nas séries televisivas, que transmitem uma visão romantizada sobre a psicopatia.

Alinhado a isso, Weis, Souza e Oliveira (2022) mostram que essas novas idealizações fazem com que o público “torça” ou até mesmo prefira o personagem psicopata, ignorando até mesmo os crimes e ações violentas desses. Além disso, investigamos o sensacionalismo nos jornais brasileiros, e quais são seus efeitos. Dentre esses, verifica-se uma grande repercussão de atos criminosos, com imagens, manchetes eloquentes e repetições semanais de tais matérias, construindo curiosidade e desejo no telespectador para acompanhar os casos dia após dia.

Associado a esses crimes a psicopatia, cria-se também um efeito mágico sobre os psicopatas, como sendo alguém para além da espécie humana (Silvia e Miquelon, 2018). Segundo Luiz Ferri (2013) às reportagens, coberturas e manchetes jornalísticas que exploram os casos violentos relacionando-os à psicopatia, não são amparados pela ética ou diagnósticos reais sobre o transtorno, mas sim pela repercussão e maior alcance de visualizações.

Ademais, o sensacionalismo reproduz estereótipos e preconceitos, apresentando uma imagem violenta e agressiva sobre esse transtorno. A relevância em examinar como a mídia fala sobre a psicopatia ocorre em razão da influência que ela gera na população brasileira. De acordo com Gamarra *et al.* (2024), os brasileiros conhecem sobre o transtorno por meio de séries, filmes, televisão e revistas, em sua maioria, colaborando assim, para a desinformação e romantização que as pessoas têm com relação ao tema.

Por fim, inferimos acerca da motivação da mídia - sendo jornais, noticiários televisivos, filmes e séries - para as produções associadas ao transtorno, desde a romantização até a agressividade exacerbada. Nos baseamos no conceito de Adorno e Horkheimer (2000) sobre a Indústria Cultural. Os autores informam que por interesse de classes, e pela garantia do sistema capitalista, produções cinematográficas e televisivas não estão comprometidas com a arte e conscientização, mas sim com o consumo da sociedade para maior lucro e manipulação. Assim, as obras são repetitivas no que tange aos estereótipos e retratadas de forma superficial, distante de valores e sentidos críticos. Dessa forma, percebemos a banalização da psicopatia, a fim de vender obras e artigos jornalísticos, mesmo que estejam perpetuando alienação sobre a temática.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral

- Analisar as representações utilizadas pela mídia que favorecem uma concepção equivocada sobre a psicopatia.

1.3.2. Objetivos específicos

- Compreender a definição da psicopatia pela ciência, quais são suas características, como desenvolve-se seu processo diagnóstico e possíveis tratamentos para pessoas com o transtorno.
- Entender como os estereótipos midiáticos sobre a psicopatia influenciam a percepção pública no Brasil e analisar os recursos utilizados por filmes e séries que fundamentam essas representações;
- Investigar como as consequências de falsos diagnósticos promovidos por noticiários sensacionalistas promovem percepções sociais que impactam no tratamento e vivência de pessoas que possuem este transtorno.

1.4. Hipóteses

A mídia tende a retratar a psicopatia de forma sensacionalista, enfatizando características estereotipadas, como violência extrema e falta de empatia, de sentimentos, frieza, o que contribui para a formação de mitos e estigmas sobre a condição.

Consideramos que o julgamento e a desinformação sobre a psicopatia no Brasil podem ser atribuídos, em parte, à falta de educação e conscientização sobre saúde mental e, também, à tendência da mídia em explorar narrativas sensacionalistas para atrair audiência.

Partimos, assim, do pressuposto que a romantização da psicopatia em filmes e séries pode contribuir para a glamourização de comportamentos violentos, gerando uma percepção de que a psicopatia é algo desejável ou admirável. A representação de psicopatas como personagens carismáticos, inteligentes e sedutores em filmes e séries pode influenciar a percepção do público, levando-os a minimizar os aspectos negativos da psicopatia.

1.5. Justificativa

No âmbito social conseguimos notar que a mídia, na maior parte das vezes, nos mostra os psicopatas de forma sensacionalista e com forte estigmatização, levando as pessoas a vincularem a psicopatia a casos criminais exacerbados, sem considerar as nuances e variedades dessa condição. Esta caracterização conduz as pessoas a enxergarem os psicopatas exclusivamente como indivíduos perigosos, agressivos, intimidadores e até mesmo ameaçadores, ou seja, promove uma visão estereotipada que muitas vezes negligencia o fato de que eles também são pessoas que necessitam de tratamento e apoio emocional. Logo, é fundamental que haja reflexão sobre os mitos e verdades equivocadas disseminadas pela mídia sobre a psicopatia, a fim de que ela promova uma narrativa mais responsável e informativa sobre essa temática.

No âmbito científico, a pesquisa busca explorar como o sensacionalismo e a desinformação contribuem para a formação de um conceito totalmente distorcido sobre as conjunturas das pessoas que apresentam psicopatia, minimizando os aspectos que a caracterizam e desconsiderando assim, a complexidade desta patologia. Buscamos, portanto, contribuir para a visibilidade deste assunto a fim de favorecer a tendência de um embasamento científico sólido acerca desta condição.

É importante ressaltar, que a mídia não altera a percepção somente do público leigo, mas também influencia psicólogos, psiquiatras, jornalistas e sistema judiciário, que em caso de exposição a essas representações distorcidas, pode afetar sua capacidade de avaliação e de fornecer informações e tratamentos eficazes aos pacientes.

Estudos dentro dessa temática, se fazem necessários para que esses profissionais estejam cientes do estigma que a mídia perpetua sobre o tema e que sejam capazes de viabilizar informações mais próximas da realidade acerca da psicopatia.

2. MÉTODO

A pesquisa deste projeto foi realizada por meio de uma revisão sistemática de literatura, um instrumento fundamental que permite a análise detalhada dos materiais científicos existentes sobre os estereótipos que a mídia reproduz acerca da psicopatia no Brasil. Este tipo de revisão é uma ferramenta eficaz para avaliar e comparar as diferenças entre os resultados de diversas produções científicas, relatando de forma transparente como os estudos foram identificados e selecionados, o que foi encontrado, como as características dos estudos foram incluídos e resultados de meta-análises, métodos e autores encontrados.

2.1. Material

O material utilizado, implicou em fontes secundárias, por meio de artigos científicos encontrados na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Periódicos de Psicologia (PePsic). Utilizou-se os seguintes descritores de buscas: Psicopatia; influência da mídia; senso comum sobre transtornos psicológicos. Empregamos artigos publicados entre os anos de 2000 a 2024.

2.2. Estratégia

A fim de conhecer a influência da mídia na população brasileira acerca da psicopatia, empregou-se o modelo PICO (População, Intervenção, Comparação e Desfecho). Em relação a isso, os principais questionamentos realizados foram: Quais os principais estereótipos e mitos sobre a psicopatia disseminados pela mídia brasileira? Qual é a responsabilidade dos profissionais de saúde, judiciário e jornalístico em garantir acesso às informações corretas sobre a psicopatia? Quais as razões de atitudes sensacionalistas, quando falamos de psicopatia? Como tem sido o trabalho da academia de psicologia frente aos estereótipos criados pela sociedade sobre a psicopatia?

A importância da definição da pergunta gera uma estratégia que guia o que desejamos revelar. Silva e Miquelon (2018) explora como a psicopatia é retratada e explorada pela mídia com o objetivo de aumentar a audiência. Gamarra *et al.* (2024) abordam as características pessoais percebidas por uma amostra comunitária brasileira, abordando sobre como esses estereótipos são internalizados e compreendidos pela população. Dutra e Monteiro (2019) discute a glamourização de

transtornos psicológicos na mídia, enfatizando como a representação midiática contribui para a perpetuação de estereótipos e a distorção da realidade. Esses autores, ao fornecerem uma base de questionamentos, ajudaram a construir uma compreensão mais clara da influência da mídia na formação e sustentação dos estereótipos sobre a psicopatia, permitindo uma análise crítica e fundamentada sobre o tema.

2.3. Procedimentos para coleta de dados

2.3.1. Critérios de inclusão

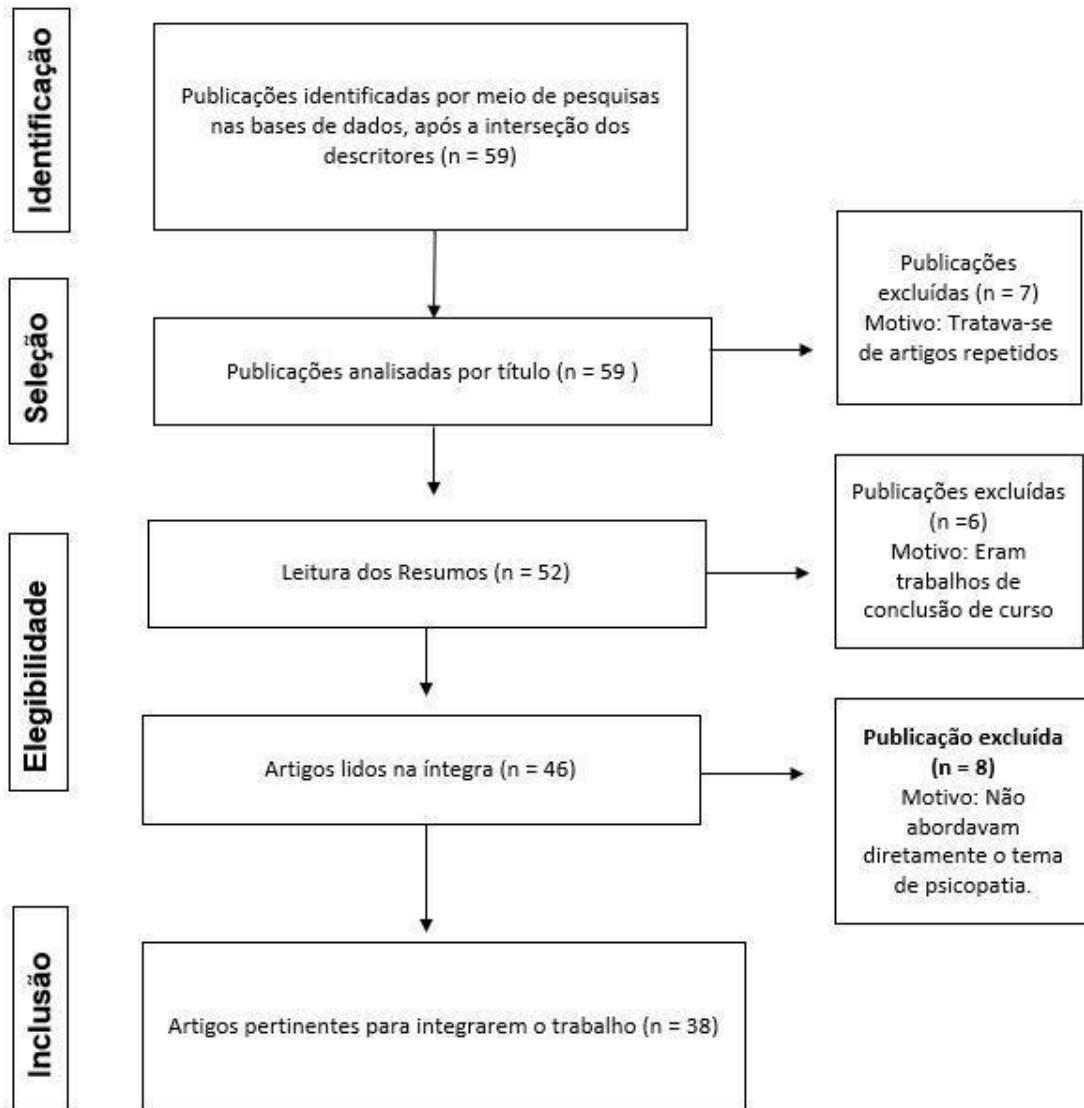
A coleta foi realizada por meio de fontes seguras e científicas. Os critérios de inclusão foram compostos por elementos, como: artigos originais, de livre acesso, publicados entre os anos de 2000-2024 nos idiomas português e inglês, desenvolvidos em sua maioria no Brasil e que atenderam aos objetivos do estudo. Foi analisado materiais midiáticos como reportagens jornalísticas, filmes e séries, que contribuem para o imaginário social sobre a psicopatia. Por meio de palavras chaves: psicopatia, estereótipo, influência midiática e sensacionalismo, realizamos a busca dos dados empregados nesta análise.

Primeiramente identificou-se os trabalhos essenciais que são referência para o tema, diante da mídia e do transtorno de personalidade antissocial. Posteriormente, foi realizada a leitura e análise de títulos e resumos de forma minuciosa para selecionar e incluir os artigos mais relevantes, a fim de acrescentar profundidade sobre a discussão proposta. Esse processo metodológico permitiu a identificação dos estudos que se destacam sobre os estereótipos construídos sobre a Psicopatia, contribuindo para a elaboração e revisão sistemática da pesquisa.

2.3.2. Critérios de Exclusão

Como critério de exclusão consideramos documentos não científicos, monografias de conclusão da graduação e artigos anteriores aos anos 2000. Além disso, artigos que promoviam o estereótipo da violência relacionada ao transtorno de personalidade antissocial e não revelavam a problemática com relação ao tema. Com isso, garantiu-se que a seleção final dos artigos fosse composta por fontes relevantes, focadas em publicações que abordassem de maneira crítica e aprofundada a relação entre a mídia e os estereótipos sobre psicopatia.

luxograma: Procedimentos de coleta de dados



Fonte: Próprios autores, 2024.

2.4. Procedimentos para análise de dados

Nosso objetivo era compreender o fascínio notável em torno da psicopatia (Transtorno de Personalidade Antissocial – TPAS) e o papel da mídia nesse contexto, adotamos critérios específicos para selecionar os resultados relacionados ao tema.

3. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA PERCEPÇÃO DA PSICOPATIA NO IMAGINÁRIO SOCIAL

A etimologia da palavra "mídia" advém do latim *media*, que significa meio ou centro, por onde circulam as informações. Para além desta função informativa, feita por jornais, rádios, noticiários e programas de televisão, a mídia exerce um papel social relevante. Segundo Biroli (2011), ela possui o poder de induzir concepções sobre grupos sociais ao empregar valores morais, ideologias políticas e estereótipos em seus discursos jornalísticos. Em complemento a essa ideia, Medeiros (2017) argumentou que a mídia faz isso por meio de imagens, manchetes e temas cuidadosamente selecionados, apresentados de forma objetiva, mas descontextualizados, moldando, assim, a opinião pública e produzindo ideias cristalizadas, ou seja, verdades absolutas sobre algo ou alguém.

Esse processo não se limita apenas ao ambiente jornalístico. Os sociólogos Adorno e Horkheimer (2000) compreendem que a mídia está a serviço do sistema econômico capitalista. Ao refletir e reforçar as normas desse sistema, ela se torna uma extensão dele, promovendo o consumo e mantendo, com conteúdo televisivos, por exemplo, o espectador dentro de uma ideologia de dominação. A arte, que outrora era instrumento de crítica social, é transformada em mercadoria, como as produções cinematográficas, que deixam de estimular a reflexão crítica para se tornarem objetos de consumo em massa, tendo um conteúdo padronizado, no qual o público tende a imitar as narrativas apresentadas. Na esfera do entretenimento, observa-se também a chamada "sociedade do espetáculo", conceito desenvolvido por Debord (1967), que afirma que as representações midiáticas não se limitam à ficção, mas confundem-se com a realidade, mantendo os sujeitos em uma posição de conformismo e alienação.

É diante dessa dinâmica, pautada em interesses do sistema, que se compreende a influência da mídia na construção de imagens sobre a psicopatia. E para isso, foram analisadas diferentes expressões midiáticas, como jornais, filmes e séries, a fim de compreender como os estereótipos sobre psicopatas são construídos, reforçados e difundidos socialmente, de forma a impactar negativamente a esfera social.

No que diz respeito à psicopatia, a mídia tem explorado esse transtorno em filmes, séries e programas televisivos, em que psicopatas são retratados sob uma

ótica mais estilizada, vistos como charmosos, elegantes, frios e extremamente inteligentes. E em meios jornalísticos há a exposição constante à violência e a vinculação de qualquer ato impetuoso associado ao transtorno. Em pesquisa realizada por Gamarra *et al.* (2024), verificou-se que as principais fontes de informação sobre psicopatia no Brasil são filmes e séries (73,5%), seguidos da internet (62,1%) e meios tradicionais como televisão e rádio (59,8%). Esses dados demonstram o papel predominante da mídia na formação do imaginário coletivo sobre o transtorno.

Segundo Silva e Miquelon (2018), a psicopatia é abordada com o propósito da mídia atrair maior audiência, acabando por determinar no inconsciente coletivo um molde de diagnóstico, comportamentos e funções cognitivas desses indivíduos, geralmente discrepantes da realidade trazida pelo transtorno.

Santos e Formento (2023) consideram que a ausência de embasamento científico que a imprensa dissemina sobre esta condição acontece de forma intencional. Isso porque o sensacionalismo extrapola o real e aumenta o fato, elevando a mercantilização da informação. Sendo assim, há uma distorção e aumento das características que mais vão chamar a atenção do público, a fim de simplesmente ter audiência e não de disseminar informações verídicas. Logo, a “novelização da violência” é um dos recursos utilizados por esses meios, para prender o público nesta narrativa pela instabilidade emocional que apresenta.

Diante desse contexto, o referencial midiático sensacionalista reforça preconceitos e alimenta o medo da população à doença mental, quando associada à criminalidade. Tal condição contribui para a exclusão social e a discriminação de pessoas com transtornos mentais, tendo em vista que a associação equivocada é capaz de influenciar decisões judiciais, levando a punições mais severas para indivíduos que cometeram crimes em decorrência de sua doença mental.

Barros (2003) e Dutra e Monteiro (2019) enfatizam que a cobertura sensacionalista de crimes envolvendo pessoas com transtornos mentais constitui um problema complexo. Isso porque, a busca incessante por audiência, características marcantes da mídia contemporânea, muitas vezes leva a uma distorção da realidade e à perpetuação de estereótipos negativos. Ao priorizar o impacto emocional sobre a precisão informativa, a mídia sensacionalista contribui significativamente para a construção de um estigma em torno das doenças mentais, associando-as erroneamente à violência e à periculosidade.

3.1 Diagnóstico e tratamento da psicopatia: Uma abordagem científica

A psicopatia tornou-se um tema atraente e de interesse para diversas áreas, principalmente para a Psicologia, o Direito e a Mídia. Porém, conflitos no entendimento sobre a definição deste transtorno transgridem os valores morais e geram especulações, muitas vezes advindas do senso comum, acerca da personalidade de pessoas com esta condição. Nesse sentido, é imprescindível compreender, por meio da ciência, os fenômenos que se articulam neste transtorno de personalidade antissocial, e como se desenvolve o seu diagnóstico.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) não classifica a psicopatia como uma categoria diagnóstica isolada, mas a insere dentro do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS). Segundo a American Psychiatric Association (2013), esse transtorno é caracterizado por um padrão contínuo de desrespeito e violação dos direitos alheios, sendo marcado por traços como impulsividade, manipulação, ausência de remorso e irresponsabilidade. Além disso, o DSM-5 aponta que indivíduos com traços psicopáticos apresentam características como insensibilidade emocional, falta de empatia e afetividade superficial.

No que se refere às estruturas cerebrais, encontram-se deficiências em regiões responsáveis por funções executivas e interações sociais que influenciam diretamente no comportamento e na capacidade emocional de pessoas com psicopatia.

As características neurobiológicas descritas por Costa (2021) apontam que a atividade cerebral no lóbulo frontal de pessoas com traços psicopáticos, são reduzidas, o que afeta funções como tomada de decisões, julgamento moral e inibição de impulsos. Esta inibição acarreta comportamentos impulsivos e, às vezes, agressivos, assim como em dificuldade em avaliar as consequências de ações socialmente inaceitáveis. A amígdala, em particular, é essencial para o desenvolvimento de respostas emocionais apropriadas a contextos sociais, em pessoas com psicopatia, e seu desenvolvimento também é afetado, o que, conseqüentemente, resulta na falta de remorso ou empatia. Sendo assim, é essencial que haja uma compreensão integral desses fatores para o entendimento do transtorno em si e os comportamentos que resultam desta condição.

Segundo Hare (2013), ao falar sobre os sintomas, infere-se que os psicopatas são espirituosos e que conseguem, mesmo contando uma história improvável, convencer quem está ao seu redor, por meio de conversas envolventes e falas

eloquentes, atraindo a atenção e confiança de seus ouvintes. Eles também possuem uma característica narcísica e supõem serem mais importantes que qualquer outro, estimando o seu próprio valor e vivendo de suas próprias regras e valores. Dentro deste narcisismo, pessoas que possuem o transtorno falam com grande admiração de seus próprios feitos, até mesmo de seus crimes. Eles são seguros de suas opiniões e não demonstram constrangimento com relação a problemas judiciais ou financeiros.

Em relação a sentimentos, culpa e remorso não fazem parte do vocabulário destas pessoas. Eles relatam não sentir culpa e contam com detalhes sobre seus feitos, podendo até mesmo culpar as vítimas das agressões que cometeram. Seu egocentrismo e falta de remorso expressam sua falta de empatia. Na realidade, o outro é só um objeto para sua satisfação, sendo indiferente ao sofrimento alheio. Normalmente eles possuem emoções rasas, porém, raramente, as sentem de forma intensa. Mas não conseguem descrevê-las com profundidade, apenas igualam frustração com tristeza, e amor com impulso sexual. Eles teriam proto-emoções, que seriam respostas primitivas às necessidades imediatas. Assim, Hare (2013, p.68) retrata que:

[...] é a consciência emocional das conseqüências que nos impele a seguir determinado rumo de ação. Isso não acontece com os psicopatas; eles simplesmente mergulham de cabeça, talvez sabendo o que pode acontecer, mas sem dar a mínima para isso.

Aliado a isso, os psicopatas utilizam as expressões emocionais para manipular as pessoas, mesmo que, muitas vezes, suas emoções sejam desajustadas às situações que eles vivenciam.

Com base no exposto, entende-se a complexidade das características sociais, comportamentais e emocionais, assim como a divergência nas atividades cerebrais de pessoas com psicopatia. Com isso, torna-se essencial a análise das ferramentas científicas disponíveis para a investigação de tal fenômeno.

Em *The Mask of Sanity*, Clackley (1941) descreveu a psicopatia a partir de dezesseis critérios que ultrapassavam a esfera criminal. Esses critérios organizavam-se em aspectos interpessoais (como charme superficial e manipulação), afetivos (ausência de remorso e pobreza emocional), cognitivos (juízo prejudicado e falta de insight), comportamentais (condutas irresponsáveis e antissociais) e de estilo de vida (impulsividade e ausência de metas claras). Sua proposta consolidou uma visão abrangente do transtorno e serviu de base para os modelos subsequentes de avaliação.

Hauck, Teixeira e Dias (2009) definem a psicopatia como uma “constelação de traços disruptivos de personalidade e comportamentos antissociais”, cujas características não se restringem ao contexto prisional. Assim, compreende-se como um construto psicológico válido e confiável, cujas manifestações podem estar presentes em diferentes indivíduos da população geral.

Um dos principais instrumentos para avaliar a psicopatia é a Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), desenvolvida por Hare, em 1991. É o mais utilizado em pesquisas e possui 20 itens, nos quais o avaliador dá notas de 0 a 2, dependendo da presença das características descritas. Esses itens refletem traços de personalidade identificados por Clackley, além de comportamentos antissociais. Essa escala também é utilizada em contextos forenses e clínicos com a intenção de avaliação de determinadas características, sendo cada item pontuado de 0 a 2; em que o número neutro indica a não aplicação do item, enquanto o 2 simboliza a aplicação total dele. Neste viés, uma pontuação maior de 30, em casos forenses, indica a psicopatia; sendo esta pontuação variável conforme o país e contexto social.

A pontuação é baseada em uma entrevista estruturada que cobre diversos aspectos da vida do entrevistado. O PCL-R tem quatro dimensões principais: relações interpessoais, afetividade, estilo de vida e comportamentos antissociais. A dimensão das relações envolve manipulação, superficialidade e tendência à mentira. A dimensão afetiva está relacionada à ausência de remorso, à superficialidade emocional, à falta de empatia e à dificuldade em assumir responsabilidades. O estilo de vida abrange impulsividade, busca constante por excitação, irresponsabilidade, dependência de terceiros e ausência de metas realistas. Por fim, a dimensão antissocial refere-se ao controle inadequado do comportamento, a dificuldades vivenciadas na infância, à delinquência juvenil e à reincidência em práticas criminais.

Deve-se levar em consideração a relevância desta escala para a aplicação correta da lei, em especial dentro de ambientes carcerários e para a tomada de decisões judiciais e de tratamento.

Atualmente apresentam-se questionamentos sobre se é realmente possível tratar indivíduos nessa condição, por existir uma crença enraizada de que pessoas possuem uma deficiência na capacidade de formar vínculos, o que, conseqüentemente, impossibilita resultados no processo terapêutico. Porém, destaca-se que existem sim tratamentos, que não promovem cura, apenas amenizam o

comportamento do indivíduo com psicoterapia e prescrição de medicamentos (Silva, 2020).

Este modelo de entendimento e identificação da psicopatia contribui com a não categorização do transtorno, pois com ele todas as pessoas podem apresentar maior ou menor grau de traços de personalidade vinculados à psicopatia. Sendo assim, torna-se mais adequado referir-se a indivíduos que apresentam traços acentuados de personalidade psicopática, do que empregar o termo psicopata.

Apesar das dificuldades para definir este transtorno, entende-se que ele pode ser avaliado com instrumentos psicométricos. No Brasil, a adaptação e validação da PCL-R foram realizadas por Hilda Clotilde Penteadó Morana *et al.* (2006). A autora traduziu e ajustou o instrumento à realidade brasileira, a partir dos dados obtidos, preservando a estrutura original, mas considerando as diferenças na manifestação e interpretação dos comportamentos em contextos forenses nacionais. Ela considerou a pontuação de corte diferente da utilizada nos Estados Unidos, de ≥ 30 , para ≥ 23 , ajustando para o perfil dos indivíduos avaliados no Brasil. A adaptação da PCL-R no Brasil se tornou uma importante ferramenta técnica e científica para o contexto jurídico-forense, sendo aplicada na avaliação de periculosidade, progressão de pena, concessão de benefícios penitenciários e internações psiquiátricas. Segundo Morana *et al.* (2006), a psicopatia deve ser compreendida como um defeito do desenvolvimento e exige um olhar específico e de prevenção, principalmente no âmbito judicial, onde decisões podem ser impactadas pela presença dos traços.

A versão brasileira permanece como o único instrumento validado para a avaliação de psicopatia no país e é referência em pesquisas acadêmicas, perícias criminais e processos judiciais. A sua utilização é restrita aos profissionais psicólogos e psiquiatras forenses com formação específica na área, devido à complexidade da ferramenta e as implicações éticas em seu uso.

Enquanto a carência de novos estudos se faz presente, a mídia acaba exercendo o papel de referência sobre o assunto. Aliado ao alto consumo de filmes, séries e programas que se apossam do tema, esta lacuna de conhecimento acaba sendo preenchida por representações simplificadas e, muitas vezes, distorcidas do transtorno.

3.2 A Romantização da Psicopatia na Ficção: Quando Séries e Filmes Transformam Psicopatas em Anti-heróis

A figura do psicopata, antes vista como sinônimo de ameaça e perigo, tem sido progressivamente romantizada pela ficção, especialmente em filmes e séries. Personagens com traços psicopáticos, como os protagonistas de *Dexter* (2006), *You* (2018), e até mesmo o caso real de Ted Bundy que virou ficção, são frequentemente retratados como carismáticos, elegantes, frios e extremamente inteligentes, despertando empatia no público. Essa empatia é muitas vezes intensificada por construções narrativas que incluem passados traumáticos, sugerindo que comportamentos violentos ou manipulativos seriam justificáveis diante de experiências dolorosas, como ocorre também na série de *Dahmer* (2022). Essa representação contribui para a distorção da percepção social sobre a psicopatia, promovendo sua banalização e até mesmo glamourização.

Dutra e Monteiro (2019) destacaram que essa predominância reforça um mito romantizado, associando sofrimento à genialidade ou originalidade, o que desvia a atenção da gravidade do transtorno. O'Boyle (2013) também contesta a ideia de que psicopatas são, necessariamente, altamente inteligentes, apontando que essa associação é infundada. Já Silva e Miquelon (2018) alertam que tais representações visam atrair audiência e acabam criando no imaginário coletivo um modelo de diagnóstico e comportamento que se afasta da realidade clínica.

Personagens como Dexter Morgan, da série *Dexter* (2006), representam um exemplo claro de como figuras com traços psicopáticos são humanizadas e transformadas em protagonistas carismáticos, muitas vezes tratados como heróis. Santos (2017) observou que a narrativa em torno de *Dexter* desafia os julgamentos morais do público ao apresentar um *serial killer* que, sob um código próprio de justiça, mata apenas criminosos. Essa construção oferece justificativas simbólicas para seus atos violentos, suavizando a percepção da psicopatia e tornando-a mais aceitável ao espectador, que acaba desenvolvendo simpatia pelo personagem. Já o personagem Joe Goldberg, protagonista da série *You* (2018), da Netflix, é retratado como um homem carismático e culto, justificando seus crimes de assassinato e de *stalker* como atos de proteção às mulheres que ama, Joe acredita estar agindo por amor, o que gera empatia em parte do público. Essa narrativa também ultrapassa os limites da ficção e alcança casos reais, como o de Ted Bundy. Reis (2024) analisou como a cobertura midiática sobre Bundy inicialmente destacou seu carisma, boa aparência e

inteligência, elementos que obscurecem a gravidade de seus crimes. Filmes e documentários, como *Ted Bundy: A Irresistível Face do Mal* (2019), seguiram essa mesma lógica ao focar mais em seus relacionamentos pessoais do que nas atrocidades cometidas. Cardomingo (2024) critica o fato de a produção dar ênfase à relação amorosa de Bundy com sua namorada, o que reforça sua imagem de “homem comum” e afetivo, minimizando o impacto real da violência. O título do próprio filme já sugere uma abordagem romantizada, contribuindo para que o público perceba o criminoso mais como um enigma fascinante do que como um assassino brutal.

É importante recordar que Bundy foi acusado de assassinar e estuprar violentamente mais de 100 mulheres. E que, enquanto estava sendo julgado, colecionava muitas admiradoras que defendiam sua liberdade, se casando, por fim, com Carol Ann Boone, com a qual teve um filho. O mesmo efeito ocorreu com o caso do Maníaco do Parque, em que Francisco de Assis Pereira, acusado pelo assassinato e estupro de 16 mulheres, recebeu mais de mil cartas e era frequentemente visitado por inúmeras mulheres na prisão, sendo até mesmo pedido em casamento por uma mulher de alto padrão financeiro. Uma das causas deste fenômeno é chamada de *hibristofilia*, que é um tipo de *parafilia* sexual – fontes de prazer atípicos – quando as mulheres se apaixonam e querem se relacionar com criminosos violentos (Dr. John Money, 1980). Outra origem possível, é explicada por Costa, Souza e Silva (2022) que admitem que em um mundo machista, a figura frágil da mulher é inspirada a procurar proteção e cuidado. Dessa forma, mesmo que de forma contraditória, acreditam que ao estar com um homem que representa extrema violência, obterá proteção. Ramslande (2019), também afirmou que as mulheres acreditam que esses assassinos são machos alfas que cuidarão delas, criando suas próprias fantasias românticas, acreditando que elas poderiam salvá-los, ajudando-os a mudarem e a se tornarem melhores.

Essa tendência, no entanto, não se limita a um único caso. Moura (2016) apontou que há uma inclinação cultural mais ampla de mitificar psicopatas e serial killers, retratando-os como figuras transgressoras e fascinantes. A atratividade desses personagens está, muitas vezes, relacionada à sua oposição às normas sociais, o que desperta no público um misto de curiosidade, identificação e até admiração. Agostinho (2019) explicou que o fascínio está naquilo que não se vê, aquilo que os psicopatas não revelam, possibilitando criações, construções e projeções idealizadas socialmente. Assim, o psicopata torna-se uma espécie de anti-herói moderno, cuja

complexidade emocional é reduzida a traços como charme, frieza e inteligência — atributos que, quando explorados de forma superficial, favorecem a construção de uma imagem sedutora e equivocada do transtorno. Outras produções, como *Bates Motel* (2013), *O Talentoso Ripley* (1999 e 2024), *Coringa* (2019), *Younger* (2015), *Damien* (2016) e *Mindhunter* (2017) reforçam essa estética ao retratar psicopatas como personagens carismáticos, inteligentes e, em certos casos, emocionalmente complexos. O próprio autor Penn Badgley, de *You*, em 2023, alertou o público sobre o seu personagem, para que eles questionassem e não venerassem a imagem produzida na série. Ele também questionou a Netflix de romantizar a série *Dahmer* (2019), que mostra o assassino e canibalista, Jeffrey Dahmer, em uma perspectiva vitimista.

O impacto dessa construção glamourizada sobre séries de psicopatas, revelam uma preocupação social sobre a normalização da violência, principalmente para as mulheres. O psicólogo e educador sexual Breno Rosostolado (2019) acredita que os psicopatas e assassinos em série são constantemente aclamados pelo público hoje, porque simbolizam uma masculinidade estereotipada da sociedade, ao terem características como homem forte, viril, sedutor e dominador. Figueredo (2019) chamou a atenção para o perigo de romantizar atitudes desses protagonistas que controlam e matam mulheres, sendo distante da realidade do amor afetivo, colaborando para a minimização da violência doméstica e relacionamentos abusivos. Adicionado a isso, Bruno Brandão (2024) revelou que a exposição a esses comportamentos violentos, produzidos nos *streamings*, pode tornar comum atos nocivos, idolatrando essas ações e até mesmo invertendo valores sociais, como a imagem do psicopata, antes vilão, em alguém admirável.

Esse fenômeno de romantização de figuras perigosas pode ser observado nas redes sociais. Um exemplo disso pode é visto na recepção da série *You* (2018), na qual, especialmente entre o público feminino, surgiram diversos comentários romantizando o personagem Joe Goldberg, justificando seus crimes por seu passado doloroso, seu desejo de ser amado e até mesmo pela aparência física do ator que interpreta o personagem, como por exemplo o comentário no *Twitter* de uma fã: "Joe Goldberg é tão gostoso que eu o deixaria me matar" (2023).

Na última temporada, lançada em 2025, a série realiza uma autocrítica contundente. Nos momentos finais, mesmo após ser preso, Joe começa a receber cartas de admiradores, refletindo o fenômeno real de serial killers que se tornam

celebridades e objetos de desejo. Em seu monólogo final, Joe questiona se o verdadeiro problema não é ele, mas a sociedade que o transformou em símbolo, dizendo: “Talvez o problema não seja eu, talvez seja você”. Essa conclusão serve como um espelho para o público, convidando à reflexão sobre o fascínio coletivo por figuras perigosas e a romantização da violência.

Por fim, Silva (2016) complementa essas críticas ao afirmar que a mídia, ao apresentar psicopatas como figuras complexas e por vezes trágicas, reduz o transtorno a um conjunto de estereótipos, como frieza, manipulação e charme, sem explorar suas implicações clínicas reais. Essa simplificação, também é cometida pelos noticiários e jornais, contribuindo para a desinformação e alienação social.

3.3 Psicopatia na Mídia Jornalística: Sensacionalismo e Medo

A forma como a mídia jornalística retrata a psicopatia tem papel central na construção do imaginário coletivo sobre o transtorno. Frequentemente, essas representações são pautadas em abordagens sensacionalistas, que reforçam estereótipos e alimentam o medo social. Ao associar a psicopatia, de maneira generalizada, à criminalidade, a cobertura midiática pode distorcer seu significado clínico, influenciar julgamentos morais e comprometer o tratamento adequado.

Silva (2016) argumentou que a comunicação midiática, ao vincular psicopatia à violência, promove equívocos sobre o transtorno e interfere diretamente na busca por tratamento. Um exemplo disso foi relatado em matéria da BBC News Brasil (2024), intitulada “Sou psicopata e quero que a sociedade entenda e acolha meu transtorno”. A entrevista apresentou o relato em primeira pessoa de M.E. Thomas, pseudônimo utilizado por uma advogada americana chamada Jamie L. diagnosticada com transtorno de personalidade antissocial. Thomas ofereceu um relato franco e inquietante sobre como vive cotidianamente com esse transtorno, sem que a maioria das pessoas à sua volta tenha ciência de sua condição. O caso chamou a atenção justamente por confrontar a visão estereotipada, frequentemente reforçada por jornais e produções cinematográficas, de que todo psicopata seria um assassino cruel ou um criminoso violento.

Desde a infância, Jamie L. demonstrava sinais característicos de psicopatia funcional, comportamento muitas vezes ignorado ou incompreendido por familiares e professores. Diferente da imagem popular do psicopata violento e criminoso,

frequentemente construída por programas sensacionalistas e noticiários policiais, Thomas é o que a literatura psiquiátrica denomina psicopata funcional. Segundo Silva¹, muitos psicopatas vivem integrados à sociedade, ocupando cargos de liderança, posições de influência ou profissões respeitáveis. Eles sabem mascarar suas características mais evidentes, adotando uma fachada de normalidade e carisma. Como descreve a autora, esses indivíduos são dotados de uma inteligência emocional estratégica: observam e simulam as emoções e comportamentos esperados socialmente, mesmo sem senti-los de fato.

O relato de Jamie L. ilustra esse padrão. Ela admite que, embora não compreenda nem compartilhe os sentimentos das pessoas ao seu redor, aprendeu a identificar padrões de comportamento e a imitar reações emocionais apropriadas para se inserir socialmente. Assim, ela construiu uma vida funcional, adaptada às normas sociais, mesmo carregando consigo traços psicopáticos marcantes. Esse contraste direto com a imagem do psicopata como um “monstro sanguinário” revela a complexidade e a pluralidade desse transtorno, que muitas vezes passa despercebido no convívio cotidiano.

Ainda segundo Silva (2017), o perigo do psicopata funcional reside exatamente na habilidade de se disfarçar socialmente. Diferentemente dos criminosos evidentes, esses indivíduos exercem controle e poder de forma sutil, mas contínua, desestabilizando relações afetivas, ambientes de trabalho e núcleos familiares. Assim, o relato de Thomas, longe de ser um pedido de absolvição moral, funciona como um alerta sobre a necessidade de se reconhecer e compreender o transtorno para prevenir suas consequências silenciosas.

Outro aspecto relevante que a matéria aborda, e que coincide com as discussões acadêmicas sobre psicopatia, é a dificuldade diagnóstica. Como o DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013) não reconhece a psicopatia como categoria diagnóstica isolada, mas a insere no espectro do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), muitos casos passam despercebidos ou são minimizados. Pessoas como Jamie L. não procuram ajuda terapêutica porque não se sentem em sofrimento, característica típica dos psicopatas, que, segundo Hare (2013), não se incomodam com as consequências de seus atos, a menos que sejam diretamente prejudicados.

¹ A Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva, em seu livro *Mentes Perigosas: O Psicopata Mora ao Lado* (2017), discute o comportamento de psicopatas funcionais.

Essa associação automática entre psicopatia e violência é recorrente e não considera que o crime é um fenômeno social complexo e multifatorial. Silva e Miquelon (2018) destacaram que a compreensão de atos criminosos deve levar em conta o contexto, o perfil do autor, o tipo de crime e o ambiente em que ocorreu, não sendo apropriado reduzi-lo a um diagnóstico psiquiátrico isolado.

A representação da psicopatia na mídia apoia-se, muitas vezes, em estereótipos que vinculam o transtorno exclusivamente à crueldade, frieza e criminalidade extrema. Essa construção simbólica cria figuras monstruosas, distantes da realidade clínica, e reforça a ideia de que o mal é sempre evidente, extraordinário e atribuído a indivíduos "diferentes" ou "doentes". No entanto, Andrade (2010), ao abordar o conceito de banalidade do mal, desenvolvido por Hannah Arendt, propôs uma reflexão contrária: o mal pode ser praticado por pessoas aparentemente comuns. Ao espetacularizar a figura do psicopata, a mídia desloca o mal para um plano patológico e excepcional, contribuindo para a invisibilização do mal banal, o que representa um risco ético e político relevante.

O uso indevido do termo "psicopatia" em investigações criminais e coberturas televisivas é capaz de gerar distorções graves tanto no processo investigativo quanto na percepção pública dos casos. Casos de grande repercussão no Brasil ilustram claramente essa problemática: Lázaro Barbosa foi um foragido acusado de diversos crimes graves. Em junho de 2021, protagonizou uma caçada policial que durou mais de 20 dias sendo televisionada exaustivamente na tv aberta e mobilizou inúmeros agentes de segurança. A operação terminou com sua morte em confronto com a polícia. Segundo Cabral (2021), a cobertura transformou a perseguição policial em espetáculo, atribuindo-lhe traços psicopáticos sem qualquer base técnica. É um caso que mostrou as falhas do sistema penal e foi amplamente espetacularizado pela mídia, reforçando discursos de medo e punição. Para Brito e Nogueira (2022), essa narrativa midiática construiu um "inimigo público", que legitimou o endurecimento penal.

O caso de Suzane von Richthofen, que planejou o assassinato dos pais em 2002, chocou o país e foi amplamente explorado pela mídia. Bolesina e Morais (2024) apontaram que a intensa exposição midiática agravou o julgamento moral e dificultou sua ressocialização. As críticas às suas saídas temporárias repercutiram diretamente em mudanças legislativas, como as promovidas pelo pacote anticrime (Lei nº 13.964/2019), demonstrando o impacto da cobertura jornalística na opinião pública e nas políticas penais.

O caso Pesseghini (2013), em que um adolescente de 13 anos foi acusado de matar seus pais que eram policiais e sua avó, trouxe à tona a discussão sobre psicopatia juvenil, amplamente divulgada e retratada pelo sensacionalismo midiático. Segundo Almeida (2015), a cobertura sensacionalista reforçou o estereótipo de psicopatia, ignorando fatores como transtornos psicológicos e o contexto familiar de violência.

O massacre de Realengo (2011), em que Wellington Menezes matou 12 crianças, foi inicialmente retratado pela mídia como um claro caso de psicopata, mas exames posteriores indicaram que ele sofria de esquizofrenia, uma condição mental negligenciada na cobertura inicial. Segundo Salla (2012) e Souza (2014), a opinião pública foi influenciada pela mídia, que estigmatizou o autor como "psicopata", ignorando as nuances do seu transtorno mental e a falta de suporte psicológico adequado.

Esses exemplos revelaram o poder da mídia na formação de percepções sociais sobre indivíduos associados à psicopatia. É evidente que a classificação inadequada de distúrbios mentais pode comprometer a precisão de investigações e julgamentos. Silva e Werlang (2009) alertaram que a rotulação equivocada de indivíduos como "psicopatas", sem avaliação técnica específica, interfere no direito à defesa e conduz a opiniões públicas a interpretações sem embasamento científico. Kiehl e Hoffman (2011) reforçaram que a psicopatia possui critérios diagnósticos específicos, os quais não devem ser confundidos com quadros psicóticos. Ignorar a existência dessas diferenças pode comprometer o direcionamento de políticas públicas e os procedimentos legais adequados.

Nesse contexto, é fundamental que a mídia atue com responsabilidade, fundamentando-se em informações científicas, objetividade e respeito à privacidade de vítimas e familiares, conforme defende Barros (2023). A linguagem moralista e opinativa, desprovida de respaldo diagnóstico e ético, acaba transmitindo ao público preconceitos que vinculam indevidamente transtornos mentais à criminalidade, priorizando repercussão e audiência.

Por fim, a divulgação indiscriminada de diagnósticos técnicos principalmente pela mídia contribui para a desinformação e reforça estigmas sociais. Segundo a *American Psychiatric Association* (2013), essa abordagem deturpa a compreensão clínica dos transtornos mentais e prejudica tanto o acompanhamento quanto os direitos civis de indivíduos afetados. Assim, a psicopatia, quando usada como um

rótulo moralizante e não clínico, perde seu valor diagnóstico e passa a ser uma ferramenta de culpabilização social.

4. DISCUSSÃO

A análise da influência da mídia na construção de estereótipos associados à psicopatia, também conhecida como Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), mostrou que existe um impacto significativo da mídia sobre a formação da percepção pública acerca deste transtorno.

De acordo com Silva e Miquelon (2018), a mídia constrói uma narrativa sensacionalista sobre o transtorno, promovendo de forma imediata a associação com a criminalidade, o que contribui para a desinformação e o medo coletivo. Esse fenômeno também é identificado e confirmado por Gamarra *et al.* (2024) onde a pesquisa revelou que 73,5% dos brasileiros formam sua opinião sobre a psicopatia através de filmes, séries e mídias que não são especializadas. Segundo os autores, essa influência midiática reforça estigmas sem embasamento científico.

A distorção da realidade é explicada por Adorno e Horkheimer (2000) que, ao verem a indústria midiática como produtora de conteúdos, percebem que ela dissemina o seu material para o consumo e não para o desenvolvimento crítico. Dessa forma, o resultado das obras midiáticas - ao apresentarem psicopatas como vilões sedutores - contribuem para o imaginário alienado, demonstrando uma lógica simbólica que visa o lucro, desconsiderando as partes complexas e científicas do tema.

A pesquisa cumpre o problema proposto, afirmando que a abordagem realizada pela mídia, ao representar pessoas com psicopatia, influencia diretamente no imaginário popular. Tendo em vista que a mídia constitui a principal fonte de informação para uma parcela considerável da população, tal representação compromete a promoção de uma conscientização científica adequada acerca do transtorno. O estudo alcançou seu objetivo ao demonstrar como as representações da psicopatia na mídia contribuem para a banalização e estereotipação da psicopatia. Com base em evidências científicas e em críticas culturais, a pesquisa mostrou como a mídia reforça de forma infundada a psicopatia, tanto pela criminalização exacerbada, quanto pela romantização. À exemplo disto, Reis (2024) analisou o caso real do Ted Bunny, que ao ser representado em filmes e séries, teve o seu perfil psicopático sem destaque, enquanto destacavam seu charme e inteligência, reduzindo o impacto de seus crimes. Esse acontecimento também é observado na romantização de personagens como Joe Goldberg (*You*) e Dexter Morgan (*Dexter*), criticada por Dutra e Monteiro (2019) como uma representação que banaliza a violência e desvia a atenção dos aspectos clínicos do transtorno de psicopatia.

Constatou-se, assim, que a hipótese inicial, que propunha que a mídia tende a retratar a psicopatia de forma sensacionalista, colaborando para a perpetuação de estigmas e opiniões desinformadas, é verídica. Além desta, confirmou-se que a mídia, em filmes e séries, realiza uma romantização dos comportamentos violentos e a glamourização dos psicopatas apresentados pela mídia. Esta característica da psicopatia reforça a ideia de que tais indivíduos são fascinantes e estudos sobre suas condições são ignorados nas obras, corroborando a opinião de que, em razão de beleza e fascínio, suas ações chegam a ser justificáveis, como analisado por Silva e Miquelon (2018) e Dutra e Monteiro (2019). A pesquisa demonstrou que mesmo os casos reais são romantizados (Cardomingo, 2024), gerando empatia indevida e promovendo hibrístofilia, como apontado por Costa, Souza e Silva (2022), quando os criminosos são vistos como objetos de desejo romântico.

Assim, o propósito de analisar representações equivocadas da psicopatia na mídia foi alcançado, a medida em que a revisão crítica de produções culturais e jornalísticas, a partir de autores como Hare (2013), Silva e Werlang (2009) e Silva e Miqueon (2018), mostraram que tais representações frequentemente reforçam estereótipos reducionistas e sensacionalistas. Da mesma forma, os objetivos específicos também foram alcançados, tendo em vista que a definição científica da psicopatia, com base no DSM-5 e nos estudos de Hare (2013) e Morana *et al.* (2006), contraporam-se à visão da construção popular do termo ao mostrar que psicopatia não se resume à imagem de indivíduos invariavelmente violentos, cruéis ou assassinos em série. A conceituação clínica destaca critérios diagnósticos relacionados a padrões persistentes de manipulação, impulsividade, ausência de empatia e responsabilidade, os quais nem sempre se manifestam de forma violenta ou romantizada, como costuma ser retratado em filmes, séries e noticiários. A análise dos estereótipos foi aprofundada com críticas construídas às séries e aos noticiários, a partir de autores como, Silvia (2016) e Santos (2017), evidenciando como séries e noticiários reforçam visões distorcidas e sensacionalistas da psicopatia, associando-a exclusivamente à violência e à perversidade, o que contribui para a estigmatização. As consequências sociais e jurídicas dos falsos diagnósticos, foram discutidas com base nos casos reais brasileiros, reforçando a tese que a mídia interfere no julgamento público e a tratativa dos casos no sistema penal (Barros, 2003; Brito e Nogueira, 2022).

Para a coleta de dados, foram estabelecidos critérios rigorosos de inclusão e exclusão de estudos, com o intuito de assegurar a relevância e a qualidade das fontes analisadas. Os artigos incluídos na pesquisa foram originais, de livre acesso, e publicados entre os anos de 2000 e 2024. A análise focou principalmente em artigos científicos e materiais midiáticos, como reportagens e produções cinematográficas, que contribuíssem para a reflexão sobre os estereótipos construídos em torno da psicopatia. A utilização de diversos autores também permitiu uma análise crítica, relacionando as falas midiáticas com os aspectos clínicos e sociais do transtorno. O processo de seleção dos materiais envolveu uma leitura criteriosa dos títulos e fichamento dos artigos, seguidos de uma análise detalhada dos artigos mais pertinentes ao tema.

Em termos de critérios de exclusão, foram descartados documentos não científicos, artigos publicados antes de 2000, e aqueles que promoviam estereótipos de violência relacionados ao transtorno, sem uma análise crítica acerca da mídia e sua relação com a psicopatia. Esses critérios garantiram que a seleção final fosse composta por fontes científicas relevantes, focadas em uma abordagem aprofundada da relação entre a mídia e a construção de estereótipos sobre a psicopatia.

O desenvolvimento da pesquisa apresentou-se, portanto, consistente com a proposta inicial, integrando diversos campos, como a psicologia, sociologia, jornalismo e o direito, ao aprofundar as discussões éticas e sociais sobre o assunto. A partir de exemplos, a crítica a romantização de psicopatas na ficção foi apresentada e sustentada com estudos de Silva (2016), Agostinho (2019) e Proudfoot (2025). A crítica ao sensacionalismo desenvolveu-se a partir de casos reais brasileiros (Lázaro, Suzane, Realengo, Pesseghini), a cobertura excessiva de matérias jornalística e a distorção dos sintomas do Transtorno, com apoio de autores como Salla (2012), Cabral (2021) e Andrade (2010).

Partindo desses estudos adotou-se uma postura de análise crítica e dialógica. Os autores utilizados fundamentaram a pesquisa com análises complexas, possuindo espaço para confrontos e atualizações com estudos futuros. Como exemplo, embora Hare (2013) traga critérios diagnósticos, o trabalho reconhece a sua crítica aos contextos forenses, como a própria Morana *et al.* (2006) alerta. A crítica de Guy Debord (1967), Adorno e Horkheimer (2000) revelaram que a cultura da massa é aplicada de forma estratégica para explicar a reprodução de estereótipos apresentados na mídia, e reconheceram que o consumo dessas obras pode abrir

espaços para discussões mais profundas, como o monólogo final apresentado na série *You* (2025) que provocou uma autocrítica no público sobre o que eles pensam sobre o personagem. Autores como Ramsland (2019), Costa, Souza e Silva (2022), Brandão (2024) e são importantes pelas interpretações sociais que contribuíram para o enriquecimento e a compreensão das implicações reais da glamourização sobre o psicopata e suas condições reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar a influência da mídia na construção de estereótipos sobre a psicopatia no Brasil. Os resultados confirmaram a hipótese de que tanto a romantização quanto a criminalização da psicopatia, veiculadas, respectivamente, em produtos ficcionais e jornalísticos, contribuem para um imaginário social distorcido.

A falta de embasamento científico nas representações midiáticas sobre transtornos mentais tem impactos significativos. Essas representações afetam o diagnóstico, o tratamento e a convivência social de pessoas com psicopatia, além de influenciar decisões judiciais. A associação constante entre psicopatia e criminalidade acaba reforçando o medo social.

Diante disso, é urgente repensar a responsabilidade da mídia na produção e difusão de informações sobre transtornos mentais. A psicopatia deve ser compreendida como uma condição complexa, que exige abordagem ética, rigor clínico e sensibilidade social. Reduzir essa complexidade a estereótipos dificulta as possibilidades de tratamento e integração social.

Além disso, identificou-se como limitação significativa na elaboração desta pesquisa, a escassez de materiais e estudos específicos sobre pessoas diagnosticadas com psicopatia no Brasil. A maior parte da literatura disponível encontra-se em língua inglesa e refere-se, em sua maioria, a realidades estrangeiras, o que limita a aplicação direta ao nosso contexto social, jurídico e cultural. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de mais pesquisas voltadas à compreensão da psicopatia no Brasil, especialmente no que diz respeito ao processo diagnóstico.

Reafirma-se, portanto, a importância de uma postura ética e responsável por parte da mídia, que respeite os direitos das pessoas com transtornos mentais e evite reforçar estereótipos. Recomenda-se que estudos futuros investiguem alternativas de representações mais informadas e sensíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: o Iluminismo como mistificação de massa. In: Teoria da Cultura de Massa. Tradução e comentários de Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ALMEIDA, Silvio. Juventude e violência: reflexões a partir do caso Pessegini. **Revista Brasileira de Estudos da Juventude**, v. 2, n. 4, 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANDRADE, M. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, p. 109–125, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ByLpxkpQTJk4LGSR4SgHhVr>. Acesso em: 28 de maio 2025.

BARROS, L. F. DE. O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas consequências. **Revista CEJ**, v. 7, n. 20, p. 23-29, 20 mar. 2003. Disponível em: <https://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/518>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BATISTA, T. Psicopatia no sistema prisional brasileiro. JUS, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/59236/psicopatia-no-sistema-prisional-brasileiro>. Acesso em: 29 de out 2024.

BRITO, Fausto; NOGUEIRA, Thaís. *O caso Lázaro Barbosa e a espetacularização da violência no Brasil*. **RBSP**, 2022.

BRITO, G. L.; Jayme, R. F. “O tratamento jurídico adequado para o psicopata no sistema penal brasileiro.” **Facit Business and Technology Journal**, vol. 3, no. 39, 2022. Disponível em: <https://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/1895>. Acesso em: 16 ago. 2024.

CAMPOS, R. N., Campos, J. A. de O., & Sanches, M. A evolução histórica dos conceitos de transtorno de humor e transtorno de personalidade: problemas no diagnóstico diferencial. *Archives of Clinical Psychiatry*, 37(4), 162-166. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/pG9R94Wxv9cTKWMjg4c7Hhb/>. Acesso em: 20 out. 2024.

CARVALHO, M. Lázaro Barbosa, psicopata ou serial killer?. Disponível em: [Lázaro Barbosa, psicopata ou serial killer? - Portal 6](#). Acesso 01 mai. 2025.

COSTA, A.; SOUZA, B.; SILVA, C. Por que devemos parar de romantizar psicopatas e stalkers da ficção. *UOL Universa*, 26 jan. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/01/26/por-que-devemos-parar-de-romantizar-psicopatas-e-stalkers-da-ficcao.htm>. Acesso em: 01 maio 2025.

COSTA, Maria. Neurobiologia da Psicopatia: Emoções e Interações. 2021. Disponível em: <https://periciacomputacional.com/neurobiologia-da-psicopatia-emocoes-e-interacoes>. Acesso em: 23 mar. 2025.

COSTA, Q. E, MOTA, C. L. e SANTOS, V. A. C. A romantização da figura do criminoso em crimes violentos: uma violação do direito das vítimas. 2022. **Revista Jurídica do Cesupa**. Disponível em: <https://periodicos.cesupa.br/index.php/RJCESUPA/article/view/95>. Acesso em: 21 abr. 2025.

DIEFENBACH, L. D; WEST, D. M. Television and attitudes Toward mental health issues: cultivation analysis and the third-person effect. **Journal of community psychology**, v. 35, nº 2, p. 181-105, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229500416_Television_and_attitudes_toward_mental_health_issues_Cultivation_analysis_and_the_third-person_effect. Acesso em: 12 mar. 2024.

DUTRA, A. C; MONTEIRO, M. C. M. A glamourização de transtornos psicológicos na mídia. São Luís/MA: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0560-1.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2024.

FARIA, I. A. **Criminologia midiática e a influência da mídia na sociedade**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v. 7, n. 1, p. 641-660, 2021. Disponível em: <https://revistaft.com.br/criminologia-midiatica-o-papel-da-midia-e-sua-influencia-na-sociedade-contemporanea/>. Acesso 12 jun. 2024.

FERRI DE BARROS, L. **O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas consequências**. Brasília: R. CEJ, 2003. Disponível em: https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/115034/sensacionalismo_imprensa_cobertura_barros.pdf. Acesso em: 1 mai 2024.

GAMARRA, J *et al*; **Psicopatia: características pessoais percebidas por uma amostra comunitária brasileira**. Interamerican Journal Of Forensic Psychology, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/378634539_Psicopatia_caracteristicas_pessoais_percebidas_por_uma_amostra_comunitaria_brasileira. Acesso em: 29 abr. 2024.

HARE, D. R. **Sem Consciência: O Mundo Perturbador dos Psicopatas que Vivem Entre Nós**. Porto Alegre: Artmed 2013.

HAUCK FILHO, Nelson; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia. Psicopatia: o construto e sua avaliação. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 337-346, dez. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712009000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2024.

KIEHL, Kent A.; HOFFMAN, Morris B. The criminal psychopath: history, neuroscience, treatment, and economics. *Jurimetrics*, v. 51, n. 4, p. 355-397, 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5421164/>>. Acesso em: 5 maio 2025.

MEDEIROS, C. S. **Mídia e sociedade: o poder é um jogo de forças**. Dez. 2012, Projeto História das Ideias Linguísticas no Brasil. Editora RG. Disponível em: www.revistalinguas.com/edicao30/edi%C3%A7%C3%A3o30.pdf#page=31. Acesso em: 3 set. 2024.

MÍRA Y LÓPEZ, Emílio. Manual de Psicologia Jurídica. 2015. Acesso em 01 mai. 2025.

MORAH, M. “Sou Psicopata”: Mulheres Contam Como é Viver Com O Distúrbio.” *BBC News Brasil*, 8 jan. 2023. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/vert-fut-63732969. Acesso em: 09 ago. 2024.

MORANA, C. P. HILDA. *et al.* Transtorno de personalidade, psicopatia e serial Killers. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2006. Acesso em 01 mai. 2025.

MOURA, J. A psicopatia a partir da psicanálise: desmistificando a visão da mídia. *Mneme – Revista de Humanidades*, v. 17, n. 39, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/8075>. Acesso em: 01 maio 2025.

NORONHA, Heloísa. Por que devemos parar de romantizar psicopatas e stalkers da ficção. 26 jan. 2019. **UOL Universa**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/01/26/por-que-devemos-parar-de-romantizar-psicopatas-e-stalkers-da-ficcao.amp.htm>. Acesso em: 23 abr. 2025.

NUNES, P. R. *et al.* **A psicopatia no direito penal brasileiro**: respostas judiciais, proteção da sociedade e tratamento adequado aos psicopatas – uma análise interdisciplinar. *Revista Acadêmica Escola Superior do Ministério Público do Ceará*. v. 11, n. 1, p. 173-193, jun. 2019. Disponível em: <https://revistaacademica.mpce.mp.br/revista/article/view/71>. Acesso: 7 jun. 2024.

PROUDFOOT, Jess. Why is our generation obsessed with romanticising TV murderers? 28 abr. 2025. **Marie Claire UK**. Disponível em: <https://www.marieclaire.co.uk/news/opinion/romanticisation-of-joe-goldberg>. Acesso em: 18 abr. 2025.

RAMSLAND, Katherine. Murder mentors for copycat killers. 23 jul. 2013. **Psychology Today**. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/shadow-boxing/201411/murder-mentors>. Acesso em: 24 abr. 2025.

RAMSLAND, Katherine. Romancing the psychopath. 4 dez. 2019. **Psychology Today**. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/shadow-boxing/201912/romancing-the-psychopath>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SALLA, Fernando. *A construção midiática do "monstro": o massacre de Realengo e a psicopatia*. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 15, n. 61, 2012.

SOUZA, Roberto. *Psicopatia e mídia: representações sociais e estigmatização dos crimes de massa*. **Revista de Psicologia Social**, v. 20, n. 3, 2014.

SANTOS, A. R. A psicopatia sob a ótica da criminologia. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 9, n.1, 2022. Disponível em: <https://revista.Unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1156>. Acesso: 13 ago. 2014.

SANTOS, C. R. P. dos; FORMENTO, L. E. Caso Lázaro: a Novelização do Crime no Programa Brasil Urgente da TV Bandeirantes. **Cadernos de Comunicação**, [S. l.], v. 27, n. 3, 2023. DOI: 10.5902/2316882X84833. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/comunicacao/article/view/84833>. Acesso em: 26 ago. 2024.

SANTOS, Thiara Ribeiro. O fascínio do serial killer: protagonismo e naturalização da anormalidade em *Dexter*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_cf98fb882c7bdcf5687bc3c8629e17f0. Acesso em: 01 maio 2025.

SILVA, João. A mente criminosa e a psicopatia no âmbito jurídico e na psiquiatria forense. 2020. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/56296/a-mente-criminosa-e-a-psicopatia-no-ambito-juridico-e-na-psiquiatria-forense>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, M. A. D; MIQUELON, E. A. A criminologia clínica: a psicopatia e a exploração da mídia por audiência. a. 29, nº 1552. Uberaba/MG, 2018. Disponível em: <https://www.boletimjuridico.com.br/artigos/direito-penal/4148/a-criminologia-clinica-psicopatia-exploracao-midia-audiencia>. Acesso em: 1 mai. 2024.

SILVA, Maria L. B.; WERLANG, Bruna S. G. Psicopatia e criminalidade: subsídios para atuação psicológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 233-241, 2009.

SOUZA, J. C. W; OLIVEIRA, Nicole costa; SOUZA, Julio César Pinto. Hannibal Lecter: o glamour de um psicopata pelas lentes do cinema. *Research, Society and Development*, v. 11, nº 14, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/365262686_Hannibal_Lecter_o_glamour_de_um_psicopata_pelas_lentes_do_cinema. Acesso em: 1 mai. 2024.

ULLISSES: Suzane – Assassina e Manipuladora – Ullisses Campbell – Livros e Chocolate. Acesso em 01 mai, 2025.

VIDIGAL AROEIRA, Rafaela. Especialista debate o que leva uma pessoa a ter atração por criminosos. 30 jan. 2024. **O Tempo**. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/comportamento/especialista-debate-o-que-leva-uma-pessoa-a-ter-atracao-por-criminosos-1.3320850>. Acesso em: 22 abr. 2025.

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Autoria de Trabalho Acadêmico de Pesquisa

O presente termo é documento integrante da Pesquisa de Conclusão de Curso, a ser submetida à avaliação da Instituição de Ensino como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de Formação de Psicólogo.

Nós, Matheus Pinheiro Saggiomo, CPF 393.661.688-41, Registro de identidade 35.978.670-4; Nathalie Anchieta dos Santos, CPF 483.127.608-14, Registro de

identidade 55.716.260-9; Patrícia Ferreira Costa dos Santos, CPF 484.633.918-18, Registro de identidade 52.414.627-5; Steffany de Freitas Gonçalves, CPF 485.312.328-80, Registro de Identidade 50.274.498-4; Tamires Gomes Chaves, CPF 524.633.448-14, Registro de identidade 50.717.402-1. na qualidade de estudantes de Graduação do Curso de Psicologia da Instituição de Ensino Universidade Paulista - UNIP, declaramos que o Trabalho Acadêmico de Pesquisa Influência midiática dos estereótipos construídos sobre a Psicopatia no Brasil, requisito necessário à obtenção do grau de Formação de Psicólogo, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade.

Nesse sentido, declaramos, para os devidos fins, que:

- a) A referida pesquisa foi elaborada com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto, PLÁGIO, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- b) as citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em minha pesquisa, estão sempre claramente identificadas entre aspas ou em destaque, com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as diretrizes estabelecidas pela normatização;
- c) todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como às longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado (a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituem plágio;
- d) todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fomos devidamente informados(as) e orientados(as) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude;
- e) é vedado o emprego de Inteligência Artificial (AI) na produção da pesquisa

A Professora responsável pela orientação do nosso trabalho de pesquisa apresentou-nos a atual declaração, requerendo o nosso compromisso de não praticarmos quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração da minha pesquisa, razão pela qual declaramos ter lido e entendido todo o seu conteúdo e que o trabalho desenvolvido é fruto do nosso exclusivo trabalho.

Matheus Pinheiro Saggiomo – G246BC9

Nathalie Anchieta dos Santos – N658339

Patrícia Ferreira Costa dos Santos – F3419I8

Steffany de Freitas Gonçalves – F342DF3

Tamires Gomes Chaves – N695FC9

Ciente, _____

Profª Me. Edna A. Mercado - Orientadora

Ciente, _____

Profª Maria Cristina Pellini – Coordenadora do Curso de Psicologia

Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela com o resumo da análise do CopySpider. Cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outros arquivos em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais").

A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de similaridade dos arquivos. Quanto maior a quantidade de termos comuns, combinada com o agrupamento desses termos, maior a similaridade entre os arquivos.

No início de cada comparação entre arquivos, encontram-se um resumo numérico dos resultados:

- Arquivo 1: <nome do arquivo> (<Ni> termos)
- Arquivo 2: <nome do arquivo> (<Nc> termos)
- Termos comuns: <N>
- Similaridade:
 - * Índice antigo (S): <x> %
 - * Índice novo (Si): <y> %
 - * Agrupamento (Sg): <Alto|Moderado|Baixo>

No texto do documento, os termos em comum são marcados em cores diferentes:

- **Amarelo**: quando são considerados no cálculo do Novo Índice de Semelhança (Si) e;
- **Vermelho**: quando estão agrupados e fazem parte do Índice de Agrupamento (Sg).

Os termos marcados em amarelo são comuns entre os documentos, mas, por não estarem agrupados, tendem a não caracterizar cópia. Os termos marcados em vermelho também são comuns e têm maior chance de serem interpretados como cópia.

É importante destacar que a classificação da semelhança como Alta, Moderada e Baixa não representa um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade Alta e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)

[Como interpretar os índices de semelhança?](#)

Versão do CopySpider: 3.5

Relatório gerado por: steffanyfreitas53@gmail.com

Análise no modo: Web/Normal (disponibilidade de 99.17%) em 16:27 s

Idioma da busca: Português

Arquivos	Termos comuns	Semelhança	Agrupamento
TCC - INFLUÊNCIA MADIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL.docx X books.scielo.org/id/hcrqt/pdf/alves-9788572490191.p df	508	Baixa	Baixo
TCC - INFLUÊNCIA MADIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL.docx X literaturaeducacao.ufes.br/sites/grupoliteraturaeduc acao.ufes.br/files/field/anexo/2021_-_capitulo_coauto ral - samella almeida e maria amelia dalvi.pdf	718	Baixa	Baixo
TCC - INFLUÊNCIA MADIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL.docx X www.ibapnet.org.br/congresso2009/ResumosPaineis. pdf	715	Baixa	Baixo
TCC - INFLUÊNCIA MADIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL.docx X bvms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_condic oes_atencao_primaria_saude.pdf	589	Baixa	Baixo
TCC - INFLUÊNCIA MADIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL.docx X repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/7e65e0 8e-b9eb-4043-b822-78670e645d0b/content	566	Baixa	Baixo
TCC - INFLUÊNCIA MADIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL.docx X www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2024/11/6ajp-cebr ap-relatorio-completo.pdf	530	Baixa	Baixo
TCC - INFLUÊNCIA MADIÁTICA DOS ESTEREÓTIPOS CONSTRUÍDOS SOBRE A PSICOPATIA NO BRASIL.docx X repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5190/1/O processo de	508	Baixa	Baixo